



3.2 • Integração regional e multilateralismo

A difícil cartografia da geoeconomia

Luís Moita

NO TEXTO ANTERIOR vimos como as distintas modalidades de regionalização têm a particularidade de existirem por iniciativa ou concordância dos poderes centrais, o que lhes dá quase sempre um carácter institucional. Mas há novos espaços que se têm constituído à margem dos governos (mesmo quando estes os encorajam), e que se estabelecem por força de dinâmicas económicas pouco controláveis pelos centros de decisão política. Quer dizer que a geoeconomia determina a emergência de novos “territórios”.

Novas geografias das empresas

Desde logo, o processo de multinacionalização das empresas, pela multiplicação das suas filiais e pela subcontratação de firmas locais projecta uma rede ancorada em grande dispersão de ter-

ritórios, como se pode ver pelo exemplo da malha tecida pela conhecida empresa Benetton. Os processos de produção e distribuição de bens e serviços continuam certamente enraizados em espaços geográficos, mas a sua localização tem duas características: é movediça e tentacular. Movediça porque sujeita a flutuações e a deslocações, ao sabor das vantagens lucrativas. Tentacular porque cria descontinuidades e dissemina-se sob a forma de teia de aranha. A clássica expressão da “divisão internacional do trabalho” encontra nestes casos a sua máxima evidência, pela ultrapassagem da espacialidade do território nacional.

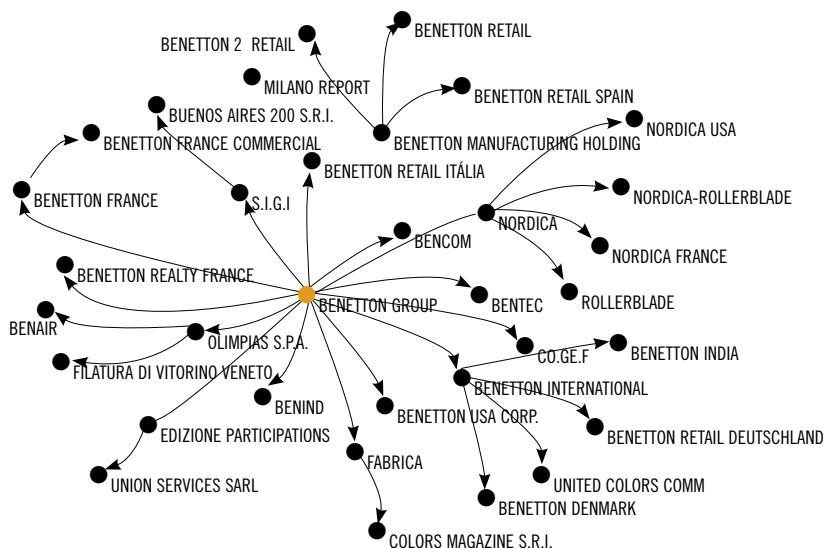
Um exemplo flagrante desta dinâmica é visível no caso da Toyota: mantendo no Japão a sua base nacional estratégica, tornou-se verdadeiramente uma empresa global, dispersando as suas activi-

dades produtivas e expandindo a sua projecção comercial através de zonas bem identificadas. Constrói-se assim uma espécie de geoeconomia empresarial, gerando mega espaços que quase coincidem com a área habitada do planeta. Todavia, a progressiva deslocalização das empresas permite identificar as áreas geográficas mais atractivas e a formação de espaços económicos de tipo novo, em importantes zonas daqueles continentes que até há pouco eram catalogados, algo depreciativamente, como Terceiro Mundo: desde o México à Argentina, desde o Egipto à Nigéria e à África do Sul, desde o Paquistão ao Sudeste Asiático, passando evidentemente pela Índia e pela China, é possível cartografar essas novas unidades geoeconómicas. Torna-se assim possível visualizar os percursos dos investimentos e das deslocalizações, identificando os novos fluxos e as novas áreas de implantação.

Para além das fronteiras nacionais

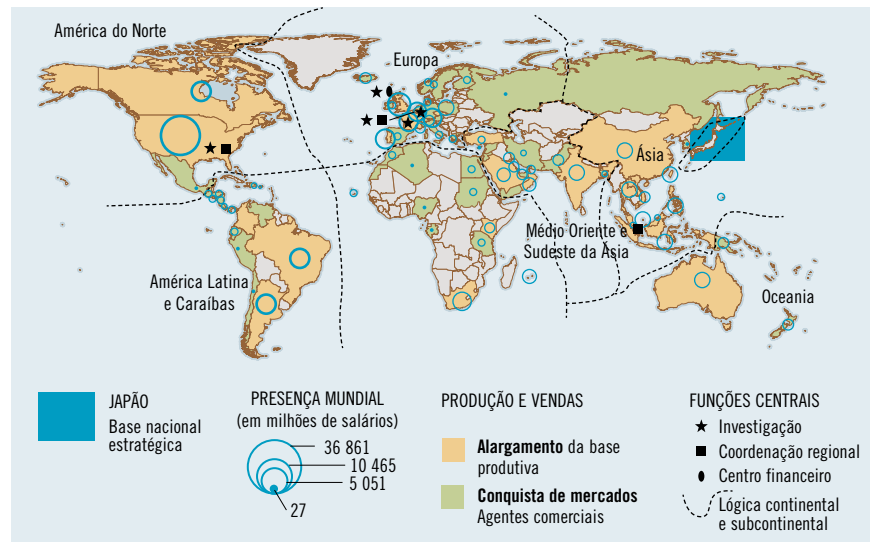
Acontece mesmo que há hoje espaços unificados por dinâmicas económicas que interligam áreas de diversos países sem qualquer consideração pelas fronteiras tradicionais. Quando se verifica a coincidência de certo número de factores, como sejam a densidade populacional, a concentração industrial, a capacidade tecnológica, a conectividade pelas redes de transportes e de telecomunicações, o volume de interacções comerciais e mesmo culturais, formam-se subconjuntos que já não correspondem a nenhuma das categorias de regionalização anteriormente apontadas. São espaços difíceis de cartografar, dada a sua natureza molecular, não institucionalizada, informal. Não há sequer terminologia consagrada para os designar. Para uns são “macroregiões”, outros autores chegam a falar de “Estados-regiões”, mas estes termos não parecem os mais apropriados. São bem conhecidos os territórios transnacionais que formam malhas contínuas de grande densidade socioeconómica para além das fronteiras, como é o caso da linha que vai de Nova Iorque até Montréal, no Québec, bem como a área que liga Seattle, no Estado norte-americano de Washington, a Vancouver, na Colúmbia Britânica do Canadá. Noutro ponto do mundo um movimento análogo localiza-se no delta do rio das Pérolas, unindo Guangzhou (Cantão), Macau e Hong Kong, criando um pólo de crescimento particularmente dinâmico.

O já referido autor japonês Kenichi Ohmae atribui grande importância a estas áreas económicas de sucesso, abertas à globalização, estruturalmente interligadas, constituídas à margem da intervenção dos Estados em consonância com o pensamento dominante neoliberal. Destacando sobretudo as regiões asiáticas, Ohmae refere com



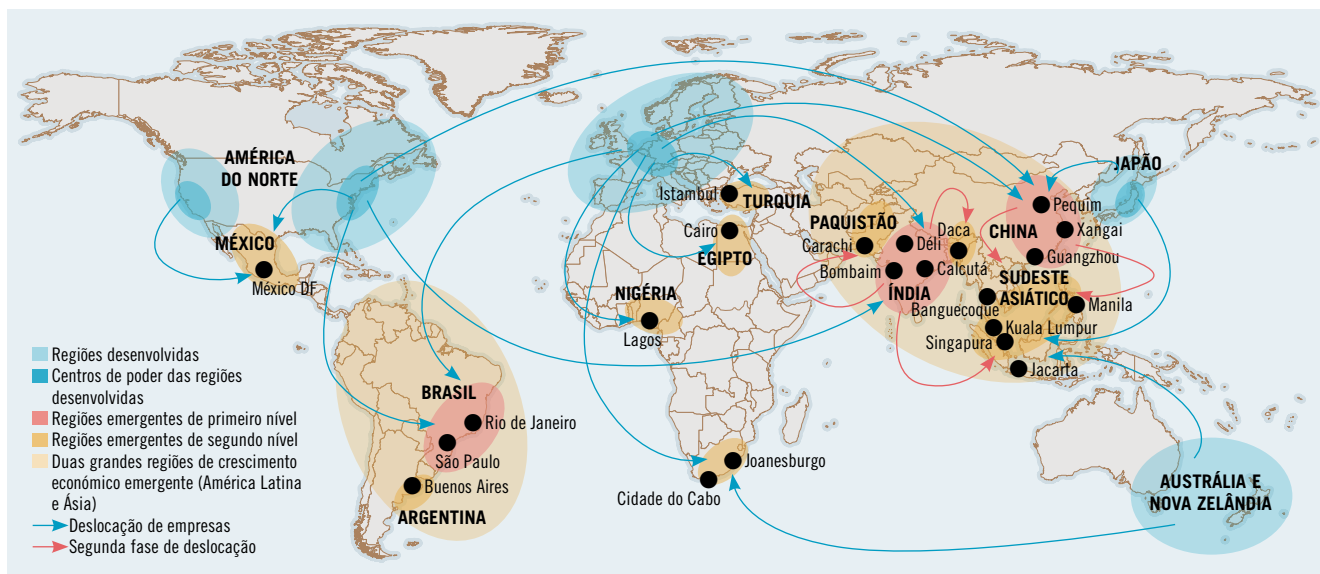
Grupo Benetton: ‘rede de vizinhos de vizinhos’.

Fonte: <http://arxiv.org/pdf/1107.5728.pdf>.



A Toyota no mundo.

Fonte: <http://leverdier.kelio.org/tpe/zones.html>.



Geografia económica: a deslocalização das empresas.

Fonte: <https://elordenmundial.files.wordpress.com/2014/01/deslocalizacion.pdf>.



“Triângulo de maior crescimento” em torno do Estreito de Malaca.

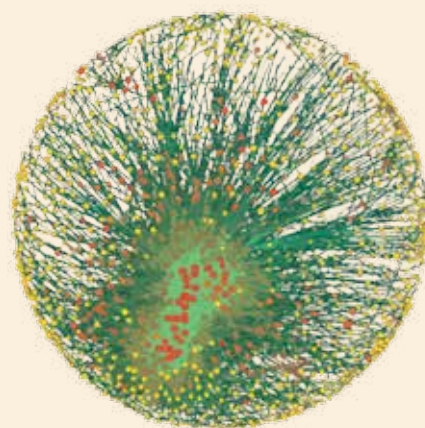
ênfase o “triângulo de maior crescimento” que já nos anos ‘90 tinha registado os maiores índices de crescimento económico. Este caso é especialmente significativo, porquanto unifica pontos fulcrais de vários países em torno de estreito de Malaca: o vértice mais a sul é Singapura e desta cidade-estado parte uma linha que passa por Kuala Lumpur, na Malásia, até ao vértice mais a norte em Phuket, já no território da Tailândia, formando um triângulo com o terceiro vértice que é Medan, na ilha indonésia de Sumatra. Aquele estreito marítimo, aliás ponto de grande importância estratégica, já que por ele transita uma boa parte das trocas comerciais chinesas, deixa de ser um factor de separação para ser um fundamental traço de união.

Como se vê, as forças do mercado têm actualmente um papel decisivo na demarcação das configurações territoriais. Desenha-se assim uma

A “TEIA GLOBAL”

Apesar da fluidez dos novos “territórios” da geoeconomia contemporânea e da quase invisibilidade de muitos processos do sistema financeiro, parece possível ensaiar a figuração do emaranhado da rede tecida pelos agentes económicos transnacionalizados. Logo no início dos anos ‘90, o já citado trabalho de Robert Reich (*The Work of Nations*) prevê “a irrelevância futura da nacionalidade das empresas” e mostra que as economias nacionais estão hoje subordinadas ao que chama, metaforicamente, “teia global”. Vinte anos depois, três investigadores suíços, Stefania Vitali, James B. Glattfelder e Stefano Battiston, publicaram um estudo, *The network of global corporate control*, onde analisam 43.060

firmas multinacionais, identificam um núcleo de 1.318 empresas que representam 20% do volume mundial de negócios e, afinando a análise, chegam a 147 empresas que controlam 40% do capital da “rede”. A imagem difundida nesse relatório sugere com peculiar evidência uma espécie de nova cartografia onde o globo terrestre, para além de oceanos e continentes, é agora o espaço onde incontáveis filamentos se cruzam e se concentram (identificando numa escala logarítmica 1318 “nós” e 12.191 ligações, sendo o vermelho a assinalar os centros económicos com maior capacidade de controlo).



Fonte: <http://arxiv.org/pdf/1107.5728.pdf>.

nova geografia económica, de difícil representação cartográfica, limitando-se os mapas a registar manchas fluidas de contornos imprecisos. Se o tecido empresarial, mesmo quando se ramifica reticularmente sem consideração de fronteiras nacionais, permanece georeferenciado (já que as unidades produtivas necessitam de ancoragem física a territórios concretos), outro tanto se torna quase dispensável quando passamos para o registo do sistema financeiro. A esse nível, assistimos a algo de parecido com a desmaterialização da economia, donde resulta que os processos ficam essencialmente desterritorializados, tornando impossível qualquer cartografia. É certo que sabemos localizar certas “bolsas”, certas sedes de bancos, certos *offshores*. Mas como é conhecido, essa nebulosa do mundo financeiro paira sobre a economia real, assumindo existência autónoma e lógica própria, com elevada dose de invisibili-

dade. O lugar por excelência dos múltiplos procedimentos e transacções do sistema financeiro é o território virtual, o terreno da linguagem binária universalizada, a rede das redes, a qual, tendo logicamente suporte material, dir-se-ia liberta das amarras físicas, subsistindo na hiperconectividade. E aí penetramos numa nova dimensão geográfica, uma nova espacialidade, de aparência incontrolável e porventura supercontrolada: o ciberespaço. Por ele passam hoje muitas das coordenadas da geopolítica e da geoeconomia. ■

Notas

¹ Ver Vitali, S., Glattfelder, J. B., e Battiston S. *The network of global corporate control*, p. 14, disponível em <http://arxiv.org/pdf/1107.5728.pdf>.

² Ohmae, K. *O Fim do Estado Nação. A Ascensão das Economias Regionais*, ed. Brasileira, trad. Ivo Korytkowski, Rio de Janeiro: Editora Campus, 1996, pp. 9 e 74.